

A GRAMÁTICA NORMATIVA NO LIVRO DIDÁTICO: UM OLHAR PARA OS TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Caique Souza Alves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Maíra Avelar Miranda

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar as semelhanças e diferenças entre o livro didático de Língua Portuguesa e a Gramática Normativa / Tradicional, em relação a forma de abordar tópicos gramaticais. Como recorte, escolhemos a Gramática Tradicional (GT) de Cegalla (2008) e o livro didático do segundo ano do ensino médio *Português contexto, interlocução e sentido*, de Abaurre e col. (2016). A seleção da GT de Cegalla é justificada por ser uma gramática que está presente nas escolas e por apresentar uma linguagem mais simples dos conteúdos; o livro didático foi escolhido por ser um livro atual que tenta abranger alguns achados da Linguística Moderna. Optamos por investigar o tópico gramatical tradicionalmente conhecido como *termos acessórios da oração*, pois este abrange reflexões semânticas, lexicais e textuais. Acreditamos que, embora os livros didáticos atuais tentem se distanciar de um estudo tradicional da linguagem, eles ainda refletem uma forte base apoiada nas Gramáticas Tradicionais que acaba se projetando na forma como o professor aborda as investigações linguísticas em sala de aula. Este estudo é embasado pelas discussões de Bagno (1999) e Marcuschi (2000). Julgamos que este estudo, assim como outros que se preocupam em contribuir com o debate sobre o espaço da Gramática nas aulas de Língua Portuguesa, contribui com a formação dos alunos de Letras e produz reflexões importantes para os professores de língua materna.

Palavras chave: Aula de Língua Portuguesa. Gramática. Livro didático.

INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa tem sido alvo de diversas investigações, especialmente na questão de como ensinar Gramática; problemática esta que desperta a insatisfação em muitos, visto que, constantemente, encontramos alunos e professores desmotivados com o ensino da “temida” Gramática. Silva e Col. (2014) explicam que o ambiente escolar ainda está viciado na tradição e não consegue desempenhar práticas de ensino que viabilizem o diálogo dos tópicos gramaticais com o contexto de uso da língua. As autoras ainda revelam que as abordagens de gramática e de língua assumidas pelos professores, muitas vezes, são influenciadas, unicamente, pelas concepções dos livros didáticos, uma vez que o livro é a fonte principal de conhecimento do professor.

Quanto aos materiais didáticos, é necessário entender que eles apresentam concepções de língua e de gramática próprias, portanto, cabe ao professor a tarefa de identificar tais concepções no momento de escolher o livro e ter uma leitura crítica de como os autores abordam os conteúdos. Lembremos, também, que o livro didático deve ser um instrumento e não um roteiro da aula, ou seja, o professor não pode ser dominado pelo livro. Porém, não é raro vermos professores que acabam dependentes do livro e utilizam o material do começo ao fim, sem reflexão. Fusari (1998) explica que:

O livro didático é apenas um dos instrumentos comunicacionais do professor no processo de educação escolar [...]. Isto significa que a capacidade do professor deve ser mais abrangente, não se limitando ao mero recorrer ao livro didático. Um livro de categoria média, nas mãos de um bom professor, pode tornar-se um excelente meio de comunicação, pois a capacidade do docente está além do livro e de seus limites. Já um bom livro nas mãos de um profissional pouco capacitado acaba muitas vezes reduzindo-se à função de um “pseudodocente”. (FUSARI, 1998, p.48-48)

É necessário, portanto, não deixar que o livro leve o professor, pois o educador deve ser autossuficiente; o livro precisa ser só mais um objeto de comunicação, como outro qualquer. O instrutor também precisa saber o que falta no livro, para que ele possa complementar o material com outros materiais, por meio de buscas e comparações.

Por conta destas críticas que os livros didáticos de Língua Portuguesa tem recebido, os autores destes materiais escolares estão tentando melhorar seu livros a fim de se apropriar das novas teorias de análise linguística e de contemplar as expectativas dos alunos.

É nesse sentido que o presente estudo objetiva apresentar os resultados da análise feita acerca dos chamados “termos acessórios da oração” pela NGB¹ em duas materialidades: a Gramática Tradicional (GT) de Domingos Paschoal Cegalla (2008)² e o livro didático “Português contexto, interlocução e sentido” de autoria de Maria Luiza M. Abaurre; Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (2016).

O intuito do trabalho é comparar como o conteúdo de gramática está apresentado e abordado na gramática normativa e no livro didático, mostrando assim as semelhanças e diferenças de abordagem de um mesmo tópico gramatical, os termos acessórios da oração, a saber: adjunto nominal, adjunto adverbial e aposto. Tal comparação é, por um lado, um exercício reflexivo sobre pontos que faltam em um dos materiais e que o outro apresenta, mostrando a possibilidade produtiva do uso complementar dos dois materiais. Por outro lado,

¹ Nomenclatura Gramatical Brasileira.

² Novíssima gramática da língua portuguesa.

mostra, também, a grande similaridade entre os elementos, provando que os livros didáticos ainda estão presos ao ensino normativo e tradicional de língua.

O texto é dividido em três tópicos. O primeiro, *Uma discussão necessária: a Gramática nos livros didáticos*, apresenta uma breve discussão sobre as principais críticas direcionadas aos livros didáticos e sobre as ideias contemporâneas que mostram possibilidades de como ensinar a Gramática. No segundo, intitulado *Explorando o livro didático e a Gramática Tradicional: resultados e discussões*, apresentamos os resultados detalhados da comparação entre as duas materialidade do estudo; já no tópico *Considerações finais*, apresentamos um resumo das contribuições deste estudo para o ensino de Gramática.

Este estudo comparativo é uma análise detalhada de como cada materialidade define, exemplifica, cobra em atividades e apresenta em textos o tópico *termos acessórios da oração*.

UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA: A GRAMÁTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Buzen (2000) acredita que questionar o livro didático é questionar o próprio ensino que nele se cristaliza. São, portanto, necessárias análises constantes destes manuais, a fim de proporcionar uma visão crítica das abordagens existentes. Para Marcuschi (2000) muitas são as razões das críticas aos livros didáticos, “entre as principais estão sua desatualização em relação às necessidades de nossa época e a falta de incorporação dos conhecimentos teóricos acerca de língua hoje disponíveis” (MARCUSCHI, 2000, p.48).

Diferentemente do que se encontra nos manuais, Buzen (2000) e Silva e col. (2014) acreditam que o ensino de Gramática deve ser pautado no uso, sem preocupações excessivas com a nomenclatura, pois, só assim, teremos um ensino de gramática baseado na observação científica da linguagem e mudaremos a percepção dos alunos de que Língua Portuguesa é uma disciplina difícil. Para Bagno (1999, p.119), “o ensino da gramática normativa mais estrita, a obsessão terminológica, a paranoia classificatória, o apego à nomenclatura, nada disso serve para formar um bom usuário da língua em sua modalidade culta”. O ensino da Gramática precisa ser significativo e contribuir para a compreensão textual, discursiva e semântica da linguagem.

Felizmente, os livros didáticos estão tentando cada vez mais se distanciar das abordagens tradicionais e fugir das metodologias centradas na gramática normativa. Entretanto, Silva e col. (2014, p.5) apontam que:

Apesar de alguns livros mostrarem resquícios de tentar incluir em suas propostas subsídios que forneçam explicações da língua, incluindo os

domínios discursivos, contemplando fatores relacionados ao uso e aos elementos extralinguísticos, nota-se que estas tentativas ainda não conseguiram se desligar, em certa medida, da gramática pautada nas nomenclaturas e regras.

Pode demorar para que o livro didático se adapte às novas teorias, até lá, cabe ao professor e aos pesquisadores apontarem os problemas dos manuais, para que nossas aulas não sejam dominadas pela abordagem do livro, e assim possamos ter um olhar mais crítico para os nossos materiais, em outras palavras, devemos ser professores pesquisadores.

METODOLOGIA

Fizemos a leitura detalhada das duas materialidades do estudo e comparamos cada parte do tópico gramatical *termos acessórios da oração*, visando observar como o conteúdo é apresentado aos leitores/alunos; os exemplos, os textos, as atividades e as análises linguísticas.

A escolha da Gramática de Cegalla se justifica pela sua presença nas escolas; mesmo assim, espera-se encontrar divergência em definições e abordagens em relação ao livro didático, pois o livro tenta fugir das formas cristalizadas nos manuais de gramática, focando no aluno e na reflexão da linguagem e suas funções.

Na análise, primeiramente, comparamos a apresentação dos conceitos; em seguida, analisamos os exemplos e os comentários dos autores sobre pontos linguísticos e, por fim, analisamos os exercícios do livro didático. Salientamos que esse estudo não é um parecer das duas obras, mas sim uma reflexão sobre a influência da gramática normativa nos materiais didáticos.

EXPLORANDO O LIVRO DIDÁTICO E A GRAMÁTICA TRADICIONAL: DISCUSSÃO E RESULTADOS

Ao folhear a GT e o livro didático, nos capítulos direcionados ao tópico *termos acessórios da oração*, primeiramente, tem-se em ambos uma breve definição do que são os termos acessórios. Ambos os textos apresentam a ideia de que os termos acessórios são desnecessários na oração. Cegalla (2008, p.363) afirma que esses termos “desempenham na oração uma função secundária” e o livro didático define algo parecido: “Embora eles **não**

sejam fundamentais³ para a estrutura sintática das orações, participam da construção de sentido dos enunciados” (ABAURRE e col. 2016, p.296); Aqui percebemos que a ideia é a mesma apresentada por Cegalla, mas as autoras do livro acrescentam a importância semântica desses termos para o enunciado.

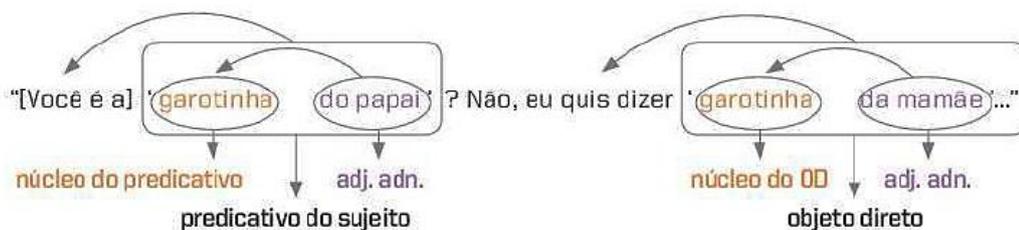
Em seguida, Cegalla (2008, p.363) afirma que a função dos termos acessórios é de “caracterizar um ser, determinar os substantivos, exprimir alguma circunstância”, todavia, essa rasa definição parece abranger apenas os adjuntos adnominais, visto que os adjuntos adverbiais não estão associados aos substantivos. A mera menção à circunstâncias é vaga para sugerir a função dos adjuntos adverbiais. Nesse sentido, o livro didático é mais claro ao afirmar que os termos acessórios modificam ou determinam *outros* termos. O livro didático não economiza nas palavras e conceitua o tópico por meio da interpretação de uma charge.

Ao final da definição, as duas obras apontam que os termos acessórios da oração são: Adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto, seguindo assim a nomenclatura da NGB.

Ao tratar da definição específica dos adjuntos adnominais, Cegalla (2008, p.363) economiza palavras mais uma vez e apenas anuncia: “*Adjunto adnominal* é o termo que caracteriza ou determina os substantivos” e, em seguida, apresenta uma lista de exemplos. Nesse ponto, mais uma vez, o livro didático acrescenta informações importantes que a GT não expõe, pois abrange em sua definição a possibilidade de o adjunto adnominal se associar com substantivos em diversas funções sintáticas (Sujeito, Objeto direto, Objeto indireto, etc.) Além disso, o livro didático apresenta uma análise de exemplos ressaltando os núcleos de cada parte da oração, o que incentiva a capacidade de raciocínio do leitor. Vejamos como é posto no livro didático, na figura 1:

Figura 1: A sintaxe do adjunto adnominal, em Abaurre e col. (2016 p.296):

³ Grifos meus.



Do papai e da mamãe são adjuntos adnominais que especificam o sentido do substantivo *garotinha*, que tem a função de núcleo do predicativo do sujeito e de núcleo do objeto direto, nas duas orações analisadas acima. Na tira, outros termos (*essa, fofo e linda*) também desempenham a função de adjuntos adnominais, especificando o sentido do substantivo *caisinha*.

Tome nota

Adjunto adnominal é o termo que vem associado a nomes substantivos que ocupam a posição de núcleo de uma função sintática qualquer, modificando, especificando ou precisando seu sentido no contexto.

Percebe-se que toda a comunicação visual e a análise dos exemplos contribuem para uma melhor caracterização do adjunto adnominal, no livro didático. Além disso, a ideia de que os adjuntos adnominais especificam os sentidos dos substantivos é uma ótima saída para observar questões semânticas na frase.

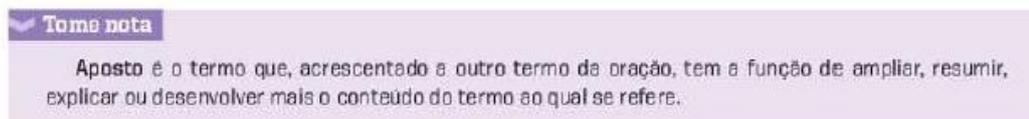
Logo após a definição de adjunto adnominal, nos dois textos, há uma lista de como os adjuntos costumam ser expressos. A GT e o livro didático concordam que os adjuntos adnominais aparecem como adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos. Todavia, enquanto o livro didático não faz mais afirmações sobre os adjuntos adnominais, a GT de Cegalla apresenta algumas notas/observações importantes, ressaltando a semelhança do adjunto adnominal formado por locução adjetiva com o complemento nominal e explicando como diferenciá-los. O gramático ainda informa o ponto de vista de alguns teóricos que acreditam que os pronomes oblíquos são também adjuntos adnominais, porém, Cegalla esclarece que, para ele, os pronomes oblíquos são objetos diretos. Esta reflexão mais complexa da linguagem poderia ser aproveitada, caso os alunos apresentassem dificuldades em entender as diferenças entre adjunto adnominal e complemento nominal, desde que fosse apresentada de uma forma didática sem foco na identificação/classificação, mas na compreensão das estruturas da frase, por meio de observações e criação de hipóteses sobre a linguagem e sobre a hierarquia frasal.

A respeito dos adjuntos adverbiais, ambos definem da mesma forma, apontando que ele modifica o verbo, advérbio ou adjetivo, e enfatizam que os adjuntos adverbiais apontam circunstâncias. A diferença é que Cegalla (2008, p.364) apenas cita algo sobre essas circunstâncias em parênteses “circunstância (de tempo, lugar, modo, etc.)” e afirma em nota

que “Os adjuntos adverbiais classificam-se de acordo com as circunstâncias que exprimem [...] A NGB, porém, não apresenta nenhuma classificação dos adjuntos adverbiais”. Já o livro didático elenca uma lista destas circunstâncias e respectivos exemplos de lugar, modo, tempo, intensidade, causa, companhia, meio, assunto, negação, etc. Por fim, o livro didático conclui que, para a análise sintática, é apenas necessário identificar onde existem adjuntos adverbiais, deixando a lista somente como exemplificação.

Acerca do aposto, o livro didático apresenta uma charge do Garfield e contextualiza as informações verbais e mostra onde há aposto, para, só depois, apresentar a definição de aposto presente na figura 2:

Figura 2: Definição de aposto do livro didático de Abaurre e col. (2016 p.299):



A definição do livro didático torna-se bastante completa, principalmente por contextualizar o tópico. Já Cegalla (2008) é mais direto, ao apresentar sua definição de aposto, presente na figura 3:

Figura 3: Definição de aposto de Cegalla (2008, p 365):

3 APOSTO

Aposto é uma palavra ou expressão que explica ou esclarece, desenvolve ou resume outro termo da oração. Exemplos:

D. Pedro II, **imperador do Brasil**, foi um monarca sábio.

Todavia, podemos perceber que as duas definições possuem grandes semelhanças, principalmente nas escolhas lexicais como: Explicar, resumir e esclarecer. Mas, ainda assim, o livro didático apresenta mais possibilidades para o aposto, como a possibilidade de ampliar ou desenvolver.

Se as definições das duas materialidades são semelhantes, os exemplos são diferentes; a gramática tradicional, como é de costume, apresenta exemplos de textos literários, enquanto os livros didáticos apresentam exemplos variados de diversas fontes, seja de jornais, provérbios, charges, etc.

Ainda em relação ao aposto, o livro didático apresenta uma classificação do aposto que Cegalla (2008) não reconhece ou menciona. Segundo o livro didático, os apostos são divididos em: Explicativos, enumerativos, *recapitulativos* (resumidores) e comparativos. Essa

divisão é mais semântica do que sintática e chega a ser desnecessária, criando mais nomenclatura para o ensino de gramática.

Na GT de Cegalla (2008, p.365), ele não cita classificação ou divisão dos apostos, mas apresenta notas bastante importantes para a reflexão linguística. Vejamos alguns exemplos:

“B) O aposto não pode ser formado por adjetivos. Nas frases seguintes, por exemplo, não há aposto, mas predicativo do sujeito:

Audaciosos, os dois surfistas atiraram-se às ondas.

H) **O** aposto que se refere a objeto indireto, complemento nominal ou adjunto adverbial vem precedido de preposição:

O rei perdoou aos dois: **ao fidalgo e ao criado.**”

Essas notas que Cegalla apresenta são interessantes para fazer o leitor pensar a língua, seu funcionamento e sua estrutura, enquanto o livro didático apresenta o tópico como algo decorativo e classificatório, o que quebra com a própria ideia do livro didático de fazer o aluno refletir sobre a língua e sua função. Além disso, a GT é mais produtiva quando trata do aposto e o uso da vírgula, ajudando o leitor a aplicar esse tópico no momento da escrita, por outro lado, o livro didático apenas cita que os apostos sempre devem vir entre vírgula, mas Cegalla (2008, p. 365) explica:

Os apostos, em geral, destacam-se por pausas, indicadas, na escrita, por vírgulas, dois-pontos ou travessões. Não havendo pausa, não haverá vírgula, como nestes exemplos:

Minha irmã **Beatriz**; o escritor **João Ribeiro**; o romance **Toia**; o rio *Amazonas*; a Rua *Oswaldo Cruz*; o Colégio **Tiradentes**, etc.

"Onde estariam os descendentes de Amaro **vaqueiro**?" (GRACILIANO RAMOS).

Nesse sentido, o livro perde uma oportunidade de usar a gramática para mostrar ao aluno que é possível usar esse conhecimento gramatical no momento de escrever textos.

Por fim, com os exercícios sobre os termos acessórios da oração, percebemos que o livro didático tenta recuperar o trabalho mais reflexivo da linguagem, não ficando preso apenas às perguntas sobre qual função sintática determinado termo exerce na oração, mas focando na reflexão crítica de como os termos acessórios contribuem para a formação das informações e para deixar evidente a intenção de determinados textos ou opiniões. Vejamos o exemplo da figura 4, em que é apresentado um anúncio para o exercício do tópico gramatical:

Figura 4: Texto para o exercício sobre os termos acessórios da oração do livro didático de Abaurre e col. (2016 p. 300):



As perguntas do exercício focam no objetivo do anúncio, no jogo de palavras e, quando foca na questão linguística mais específica, é contextualizada, vejamos na próxima figura:

Figura 5: Questões do exercício sobre os termos acessórios da oração do livro didático de Abaurre e col. (2016 p. 300):

3. Os termos *criança* e *mundo* desempenham funções sintáticas diferentes em cada enunciado. Que funções são essas?
 - ▶ De que maneira esse jogo linguístico contribui para deixar claro o objetivo do anúncio?

Percebe-se que a análise aqui vai além de apenas identificar que a locução adjetiva “da criança” exerce função de adjunto adnominal de mundo (mundo da criança) e que “no mundo” é adjunto adverbial de valorizando (valorizando a criança no mundo), a questão tem como objetivo maior mostrar como o jogo linguístico contribui para deixar claro a intenção do anúncio de distribuir livros para crianças e jovens para que estes tenham melhores oportunidades de inserção social.

O livro didático, ao decorrer da apresentação do tópico *termos acessórios da oração*, deixa transparecer uma base da gramática tradicional; seja no uso da nomenclatura, nas definições, na informação dada sem a observação e análise dos alunos, etc. Por outro lado, podemos perceber algumas tentativas de fazer um estudo da língua no uso e quebrar as amarras do ensino tradicional. Esse estudo mais reflexivo, em que os alunos criam hipóteses sobre a linguagem, baseadas na observação dos textos, é visível nos exercícios do livro didático de Abaurre e col. (2016) e vem se tornando mais presente em diversas obras didáticas, pois os autores estão percebendo a necessidade de aplicar os estudos linguísticos mais atuais ao ensino de línguas e à construção do material, visto a importância do livro didático como ferramenta de acesso a informação, tanto do aluno quando do professor.

Vale ressaltar ainda que a atuação em sala de aula não deve excluir a Gramática Tradicional, porque há muitas coisas que podem ser aproveitadas. O ideal é dialogar com os diversos materiais disponíveis para os professores e ter um olhar crítico para quais pontos e abordagens são mais viáveis para determinada turma de alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do estudo, concluiu-se que o livro didático tenta contextualizar os conceitos da Gramática Tradicional e facilitar, assim, a compreensão do tópico sobre termos acessórios da oração, porém, em muitos momentos não considera informações importantes sobre a sintaxe que podem gerar confusões e dúvidas nos alunos; como é o caso da semelhança entre adjunto adnominal e complemento nominal, e sobre como identificar quando um termo é aposto ou apenas predicativo do sujeito, visto que, segundo Cegalla (2008), adjetivos não podem formar apostos. O livro didático não aponta para isso e generaliza, ao afirmar que aposto é todo o termo que resume, explica ou desenvolve outro termo.

Percebeu-se também que, embora haja algumas divergências pontuais entre os materiais, o tópico gramatical é apresentado, em sua essência, da mesma maneira, podendo ser identificadas semelhanças até vocabulares nas definições da Gramática de Cegalla e no livro didático. O que parece é que o livro é uma adaptação da GT para o ensino, para um público específico, e, por isso, adapta e seleciona as informações mais relevantes da Gramática, ao passo que esta é mais direta e tenta descrever todas as informações que envolvem o tópico gramatical.

O livro didático trabalha com vários gêneros para contextualizar os conceitos. Acreditamos, também, que o ensino da Gramática deve ser contextualizado. O Ocem (2006) sugere o estudo da gramática a partir do texto, mas, com o cuidado de não tornar o texto um simples pretexto para trabalhar noções gramaticais.

Antunes (2003, p.107-153.) elabora uma crítica ao atual modelo de ensino de Português no Brasil que é baseado na extensa nomenclatura e classificação de termos e classes gramaticais, além da falta de atividades que desenvolvam as habilidades comunicativas do aluno; ela ainda ressalta que o ensino de Português, da forma que é feito hoje, não desperta interesse do aluno para a leitura, pois o próprio texto, quando usado, é posto apenas como corpus para identificar questões gramaticais e sintáticas. A autora explica que o texto deve ser o condutor das análises, ele deve levar naturalmente à observação. A autora informa ainda que deve-se fazer um estudo de compreensão e interpretação textual inicial, para depois ver a Gramática dentro dele, mas, ainda assim, sem nomenclatura, pois, segundo ela, é mais produtivo analisar as funções dos itens na estrutura do texto do que focar em classificações exageradas.

O estudo feito aqui é uma reflexão que cada professor de língua materna deve fazer ao usar materiais didáticos, analisando o que falta e o que é excedente para a aula de Gramática.

Referências

ABAURRE, M. L. M; ABAURRE, M. B. M; PONTARA, Marcela. **Português contexto, interlocução e sentido**. 3ª edição. São Paulo: Moderna, 2016. p. 295-300.

ANTUNES, Irandé. Repensando o objeto de ensino de uma aula de português. In: ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. Cap. 3, p 107- 153.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**. Edições Loyola, 2ª ed. São Paulo, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: SEB/MEC, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/profs/reinildes/dados/arquivos/ocem.pdf>>. Acesso em 20/03/2021.

BUNZEN, C. S. **O tratamento do conceito de gramática nos livros didáticos**. Ao Pé da Letra (UFPE), Recife, v. 1, p. 41-48, 2000.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. p.363-367.

FUSARI, José Cerchi. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas**. Artigo Série Idéias no. 8. São Paulo: FDE, 1998.

MARCUSCHI, L. A. **A gramática e o ensino da língua no contexto da investigação lingüística.** In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). *Discutindo a Prática Docente em Língua Portuguesa*. 1ed. São Paulo: Editora da PUC-SP, 2000, p. 83-95.

SILVA, Ana Dalete Da; QUEIROZ, Janaína Maria Fernandes Guedes; VIDAL, Rosângela Maria Bessa. **O tratamento gramatical no livro didático:** uma análise sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso. 25ª jornada nacional do GELNE. Natal, 2014.

Sobre o/a autor/a:

Caique Souza Alves

Mestrado em andamento em Linguística (UESB, Brasil)
Programa de pós-graduação em Linguística (UESB, Brasil)
E-mail: caique.souza.uesb@gmail.com

Máira Avelar Miranda

Pós-Doutorado (UFOP, Brasil)
Professora titular da UESB
Programa de pós-graduação em Linguística (UESB, Brasil)
E-mail: mairavelar@uesb.edu.br